

PARTE I

Abordagens contemporâneas
sobre a noção de mestre interior

1

Quem é meu mestre?

O mestre do meu desejo, dos meus pensamentos, da minha vida, dos meus atos? O que me leva a agir de uma maneira ao invés de outra? O que me convida ao silêncio ou, pelo contrário, impele-me à ação?

Dois grandes mestres parecem nos dirigir: o medo e o desejo, que estão frequentemente na raiz dos nossos atos, ao invés da serenidade e do amor. Perguntarmos a nós próprios sobre o mestre é nos interrogarmos sobre o que somos. Não são questões vãs, e talvez devêssemos dar-nos o tempo necessário para escutarmos de onde vêm nossas atrações e nossas repulsas e compreender que o nosso mestre, na maior parte dos casos, é o nosso passado; ou seja, nosso inconsciente.

Mas qual inconsciente? Em qual nível de profundidade ele está enraizado? É o que, em um primeiro momento, teremos que descobrir antes de nos interrogarmos sobre a função do mestre nas grandes tradições espirituais da humanidade, e o despertar possível daquilo que chamamos de mestre interior, ao mesmo tempo “mais eu do que eu mesmo e completamente diferente de mim mesmo”, imanente e transcendente, capaz de iluminar, esclarecer e confortar o que há de mais humano e de mais divino no homem.

1) Meu mestre é o meu ambiente circundante, o ar, meus encontros, a moda, as mídias?

2) Meu mestre é a minha consciência ou o meu inconsciente familiar? Meu código genético? Meu pai, minha mãe, minha família próxima?

3) Meu mestre é o meu inconsciente transgeracional, meus ancestrais, ou os fantasmas da minha família?

4) Meu mestre é o meu inconsciente coletivo, a civilização à qual pertença e que me dita o que devo pensar, que me diz o que é bom, o que é ruim?

5) Meu mestre é o cosmos, a grande natureza, as estações do ano, os climas aos quais eu pertença e que decidem sobre minha tristeza ou alegria de viver?

6) Meu mestre é uma ideia, um arquétipo, uma consciência angélica que me esclarece, que me ilumina ou me guia ou que me enclausura e faz com que eu me perca?

7) Meu mestre é a profundidade do meu ser, o Self, o eu sou o que sou?

8) Meu mestre é a Fonte do meu ser, a Fonte do Self, do Eu Sou? O Ain Sof, o infinito, o incompreensível, o inalcançável, um “obscuro e luminoso silêncio”?

Interrogar-me desta maneira seria uma maneira de beber do cálice daquilo que eu sou e discernir qual nível de consciência ou de inconsciência me impele a viver, a pensar, a agir?

O mestre interior que eu busco estará no fundo do cálice? Pode acontecer que eu venha a sentir este fundo, mas é sempre através dos outros níveis da minha realidade que eu o percebo.

O Ain Sof, ou o “eu sou quem sou”, manifesta-se para mim através dos conteúdos, experiências, reflexões, arquétipos que me habitam através do universo no qual estou, da civilização que me viu nascer, dos ancestrais, da família e da sociedade que me carrega e sustenta.

1	Ser e consciência social.	Eu sou o filho, o discípulo ou o escravo do meu século.
2	Ser e consciência familiar.	Eu sou o filho ou a filha dos meus pais.
3	Ser e consciência transgeracional.	Eu sou o filho da minha linhagem, dos meus ancestrais.
4	Ser e consciência coletiva.	Eu sou o fruto de uma cultura, de uma civilização.
5	Ser e consciência cósmica.	Eu sou o universo, filho, filha das águas, do vento, da terra e do sol.
6	Ser e consciência angélica.	Eu sou a ideia, o arquétipo, o anjo que informa o universo.
7	Ser e consciência essencial.	“Eu sou quem sou.”
8	Ser e consciência infinita.	Ain Sof.

Cada nível de ser é um nível de realidade e consciência que eu posso considerar como meu mestre, é aquilo que orienta meus pensamentos, meus desejos, meus atos. No fundo, “eu sou quem sou”, o Ser no coração de todos os “entes”, o Real presente em todos os níveis de realidade, o zero no um e o múltiplo: o *ápeiron*, o Ain Sof, o infinito...

Este é o único mestre, a Fonte de toda realidade, a Origem de todos os outros mestres, cada um com seu nível de inspiração e de autoridade (essencial, angélica, cósmica, coletiva, ancestral, familiar, social).

O Real é nosso único mestre, Ele não é nem isso nem aquilo (ele é transcendente), e Ele é também tudo isso (imaneente).

Ser, consciência, amor, infinito sem limites e Ser, consciência, amor, finitos, limitados, contingentes.

A qualidade do mestre exterior pode ser reconhecida pela sua transparência para com o mestre eterno e infinito (o Real).

O discípulo, para reconhecer essa transparência, deve estar, ele próprio, nesta consciência e neste nível de realidade que é o Ser infinito.

Sem dúvida, não há nem mestre, nem discípulo, nem níveis de consciência e realidade. Há apenas o Real, “tudo em todos”, e nenhum elemento deste infinito consegue captar e compreender o infinito.

O ponto está no círculo, o círculo está no ponto.

Quando o ponto esquece o círculo, ele acha que é apenas um ponto.

Quando o círculo esquece o ponto, ele acha que é apenas um círculo.

Cada um acha que é o que é.

Quando paramos de achar que somos isto ou aquilo, o mestre está presente.

Eu sou:

Info-didata?	São as informações, as modas, o ar dos tempos que me dirigem e fazem agir.
Ego-didata?	É o meu pequeno eu, meu egoísmo ou egocentrismo que me inspiram.
Auto-didata?	É o meu eu profundo que me chama.
Eco-didata?	A natureza é o meu mestre.
Cosmo-didata?	É o cosmos visível e invisível que me ilumina e esclarece.
Angelo-didata?	O anjo é o meu mestre.
Teo-didata?	Apenas Deus é o meu Mestre.
Onto-didata?	O Ser que É o que Ele É, “nenhum outro mestre, nenhuma outra realidade além dele”.
Meonto-didata?	Além do Ser está o dom do Ser, o silêncio, mestre de todos os mestres.

Com relação ao mestre interior, nós poderíamos retomar as escadas pelas quais tentamos responder a essas questões: Quem ama, quem pensa, quem age em mim? De qual amor, de qual consciência, de qual Deus estamos falando?